



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A vitória do amor sobre a paixão da cólera. Algumas considerações sobre o perdão a partir de alguns autores do monacato antigo

The victory of love over the passion of anger.
Some considerations about forgiveness from some authors of ancient monasticism

Suzimara Barbosa de Almeida*

Resumo

O artigo aborda a concepção de saúde natural da alma humana na relação com Deus e os semelhantes segundo o monacato antigo. Trata especificamente sobre a paixão do rancor e cólera como doença da alma e o caminho para o perdão e a recuperação da liberdade interior a partir do Amor, segundo o pensamento dos monges antigos, sobretudo na *Filocalia*. Aborda o perdão como vitória sobre a filautia. Elenca também algumas pistas para o caminho de crescimento humano-espiritual a partir da temática abordada.

Palavras-chave

Perdão. Libertação das paixões. Relações. Filautia.

Abstract

The article discusses the concept of natural health of the human soul in relation to God and the like according to the old monasticism. It specifically addresses the passion of resentment and anger as a disease of the soul and the path to forgiveness and to recovery of freedom by Love, according to the thinking of ancient monks, especially in the *Philokalia*. It also addresses forgiveness as victory over filautia and lists some clues to the path of human and spiritual growth on the theme.

Keywords

Forgiveness. Liberation from the passions. Relations. Philautia.

Considerações Iniciais

A tradição cristã é uma fonte inesgotável, na qual em todas as épocas se pode voltar para beber a límpida água de uma espiritualidade simples, vivencial, integral, que

[Texto recebido em 16/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestra em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil. Email: su001@ibest.com.br

ilumina a vida de todos os que buscam viver coerentemente o Evangelho nas pegadas de Jesus Cristo.

No presente artigo nos propomos a retomar a tradição do monacato antigo no que se refere ao tema do perdão. Ultimamente tem-se buscado retomar os ricos textos e experiências dos monges, cuja vivência de cuidado da interioridade e busca de Deus é um farol aceso para os cristãos em todos os tempos. Trata-se de homens e mulheres ‘habitados por Deus’ que souberam trilhar com fidelidade o caminho de renúncia a si mesmos de modo a viver radicalmente segundo o Evangelho de Cristo. É muito difícil, ao menos no âmbito da língua portuguesa encontrar coletâneas dos textos destes autores e beber diretamente na fonte. Nesse sentido, a obra *Filocalia*¹, traduzida do grego para diversas línguas neolatinas, nos ajuda a nos aproximar de alguns escritos dos monges, redescobrimos neles a luta diária e contínua destes homens e mulheres que de modo genuíno, no silêncio da oração e no deserto trabalham na libertação de si mesmos da escravidão das paixões de modo a viver em comunhão mais profunda consigo mesmos e com Deus².

Isso está profundamente ligado com o tema do perdão, que só pode fluir e acontecer a partir de um profundo encontro e diálogo e trabalho interior consigo, iluminado por Deus de modo a restaurar os laços com os demais e com toda a criação. Procuraremos, por isso, adentrar nesta experiência vital vivida pelos monges do deserto, peritos neste campo e por isso até chamados de ‘monges psicólogos’³. Aprender deles como abordar a vivência do perdão no profundo da alma humana.

Vamos perceber que há uma profunda coerência entre aquilo que eles propõem sobre o perdão com o ensinamento bíblico e patrístico – aliás muitos deles foram padres da Igreja, ou conviveram muito próximos a estes. Para melhor recolher essa experiência pensou-se em seguir o seguinte esquema. Primeiramente caracterizar a concepção da saúde e doença da alma segundo os monges, depois situar o gesto do perdão dentro da

¹ Trata-se de uma coleção clássica de textos teológicos e místicos da Igreja católica ortodoxa. *Filocalia* (em grego Φιλοκαλία, de φιλία = afeição, amor e de καλός = belo, beleza). Esta obra recolhe escritos que vão desde os padres do deserto e a Patrística do século IV até obras de Gregório Palamas e outros autores bizantinos do século XIV num total de mais de trinta autores. A obra foi publicada pela primeira vez em Veneza em 1782 com a colaboração de Nicodemos, o Agiorita e Macário de Corinto. Traduzida em diversas línguas é uma fonte inesgotável para compreender a tradição espiritual monástica do Oriente cristão. As citações da *Filocalia* neste artigo são traduções diretas da edição italiana traduzida do original grego, para a qual utilizaremos a sigla PK seguida do volume, autor e indicação de página ou parágrafo. Cf. AGHIORITA Nicodimo e Macario di Corinto (org). *La Filocalia*. Vol I-V. Tradução, introdução e notas de M. Benedetta Artioli e M. Francesca Lovato della Comunità di Monteveglio, Torino: Grebaudi editore, 1982.

² Recentemente foi publicado um importante e abrangente estudo ecumênico sobre a *Filocalia* no qual se pode comprar melhor toda a história destes escritos e a sua influência na caminhada da Igreja cristã tanto do Oriente como do Ocidente. Cf. BINGAMAN. Brock e NASSIF, Bradeley (org). *The Philokalia. A classic Text of Orthodox Spirituality*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

³ Cf. *La técnica de los "logismoi"*. Disponível em: <http://sophia.hyperlogos.info/tiki-index.php?page=Teofano+Logismos>. Acessado em 4 de julho de 2014.

visão antropológica, teológico e espiritual que eles possuíam, verificando assim os seus ensinamentos práticos para a vivência do perdão no dia a dia.

Um caminho de plenitude no Amor

Como ponto de partida e horizonte da nossa reflexão, é importante compreender a noção de saúde e doença da alma segundo os monges. Na tradição do monacato cristão dos séculos III e IV, unida à mais genuína tradição patrística é afirmado que o ser humano é saudável quando vive no estado ao qual está destinado desde a criação, ou seja, quando vive em comunhão com Deus e por conseguinte consigo e com os semelhantes; quando consegue superar o véu das paixões e pela graça de Deus vai se tornando cada vez mais semelhante a Cristo, o divino exemplar. Segundo os monges, a natureza humana, foi criada na ótica de Cristo e nele tem a sua plenitude e salvação⁴. O ser humano, desde o início está imerso numa relação de amor com a Santíssima Trindade visto que Deus é essencialmente relação⁵, e a tradição cristã oriental enfatiza que é Ele, Cristo que se tem o “lugar da deificação” como afirma Olivier Clemente⁶, pois a autêntica natureza humana e a verdadeira vida e saúde da pessoa consiste em conformar-se a Cristo, no Espírito. A vida natural do ser humano é a vida em Cristo.

Como a essência de Deus é amor, o núcleo essencial do ser humano só pode ser procurado no amor, visto que ele é criado à imagem e semelhança de Deus⁷. Por conseguinte, é no amor que está a chave para entender os conceitos de pessoa e de natureza humana. O ser humano participa pessoalmente no amor e do amor da Trindade, como Criatura do Pai, em Cristo e é chamado, na sua liberdade a este processo de vir a ser amor⁸. Não é um caminho pronto, acabado, mas a vida espiritual do cristão, desde o batismo é uma viagem dinâmica, sempre buscando viver nessa comunhão de amor com Deus e os semelhantes. A graça batismal realiza a purificação da ‘imagem’ do ser humano, decaído pelo pecado, e esse caminho continua depois através de uma vida ascética em busca de chegar à ‘semelhança’, ou seja à comunhão com Deus.⁹

⁴ SPIDLÍK, Thomas. *La spiritualità dell'Oriente cristiano. Manuale sistematico*. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 1995, p. 57.

⁵ RUPNIK, Marko Ivan. *Para uma antropologia de comunhão*, v.1. Pessoa, cultura da Páscoa, EDUSC, Bauru, SP, 2005, p. 94.

⁶ “Nele, o Espírito comunica aos homens uma filiação divina renovada. O homem, arrastado pelos espaços trinitários, participa do nascimento eterno do Filho, do mistério, em Deus mesmo, da unidade na alteridade e da alteridade na unidade”. CLEMENT, Olivier, *La filocalia*, in AAVV. *Nicodemo el Hagiorita y la Filocalia*. Ed. Qiqajon. Comunidad de Bose. 2001, p. 16. Disponível em <http://theoesis.blogspot.com.br/2012/02/articulo-o-clement-sobre-la-filocalia.html>. Acesso em: 11.07.2014.

⁷ RUPNIK, 2005, p. 94.

⁸ RUPNIK, 2005, p. 113.

⁹ HIEROTHEOS VLACHOS, Metropolitan. *Orthodox Psychotherapy. The Science of the Fathers*. Translated by Esther E. Cunningham Williams. 5ed, Levadia Hellas: Birth of the Theotokos Monastery, 2006, p. 26.

O ser humano somente é saudável quando está em comunhão com Deus, todavia, após a queda ele vive num estado de ignorância e obscuridade¹⁰. Ela o deixou doente e afastado da comunhão com Deus, sendo necessário um processo de 'cura' para recuperar o seu estado natural:

[...] encarnação de Cristo e o trabalho da Igreja tem como objetivo capacitar a pessoa para que alcance a semelhança de Deus que é restabelecer a comunhão com Deus. Esta passagem de um estado caído a divinização é chamado a cura da pessoa, porque ele está conectado com seu retorno de um estado de ser contrário à natureza, à de um estado de acordo com a natureza e acima da natureza.¹¹ (*Tradução nossa*)

Uma luta e combate contínuos são necessárias para que a pessoa liberte-se das paixões¹², tomando sempre mais consciência da graça batismal já presente no coração. Essa realidade é importante para entendermos em seguida como os monges entendiam a 'paixão' da ira, da cólera e suas implicâncias sobre a dificuldade ou não de perdoar.

Compreendendo a alma humana no monacato antigo

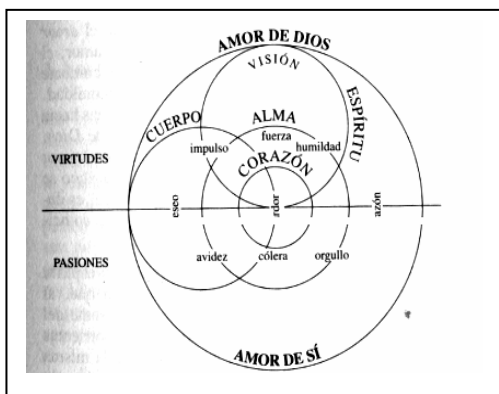
Outro aspecto preliminar a compreender é a concepção da alma humana que está à base da reflexão e do pensamento dos monges neste período dos inícios do cristianismo - séculos III ao VI mais ou menos. Seguindo uma tradição que é também herdeira do platonismo e estoicismo os monges, sobretudo a partir da teorização feita por Evágrio Pôntico, concebiam a alma humana dividida em três partes ou potências: *desejo* (*epithymitikon*), *ardor* (*thymitikon*) e *razão* (*logistikon*).¹³ O desejo abarca o mundo das pulsões e do amor (*eros*); o ardor abarca o mundo das "energias" (*dynamis*) e da ira; e a razão, a parte considerada a mais nobre da alma, abarca o mundo da compreensão e da reflexão, isto é, o mundo do inteligível. As paixões do corpo estariam ligadas ao desejo; as paixões da alma, ao ardor; e o orgulho seria a paixão própria da razão e que a impede de elevar-se para o verdadeiro conhecimento.

¹⁰ Cf. MARCO, L'ASCETA. Lettera al Monaco Nicola, 224. In: PK 1.

¹¹ HIEROTHEOS VLACHOS, 2006, p. 11. "Death entered into the person's being and caused many anthropological, social, even ecological problems. In the tragedy of his fall man maintained the image of God within him but lost completely the likeness of Him, since his communion with God was disrupted. However the incarnation of Christ and the work of the Church aim at enabling the person to attain to the likeness of God, that is to reestablish communion with God. This passage way from a fallen state to divinization is called the healing of the person, because it is connected with his return from a state of being contrary to nature, to that of a state according to nature and above nature. By adhering to Orthodox therapeutic treatment as conceived by the Holy Fathers of the Church man can cope successfully with the thoughts (*logismoi*) and thus solve his problems completely and comprehensively". (Prefácio à edição inglesa)

¹² Conforme Olivier Clemente, no ensinamento dos monges expressos na *Filocalia*, as paixões são as idolatrias, as ilusões que se apoderam do ser humano, o possuem (no sentido de uma possessão diabólica), e com o engano, fazem com que ele mude a direção, ou bloqueiam as forças originalmente boas. CLEMENT, Olivier, 2001. 16.

¹³ Cf. RIBAS, J. Melloni, *Los caminos del corazón: el conocimiento espiritual en la "Filocalia"*, Sal Terrae: Maliaño, 1995, p. 36s.



Na antropologia dos padres do monacato antigo, expressa nos textos presente na *Filocalia*, o ser humano é concebido como uma unidade com três âmbitos interconectados entre si – corpo, alma e espírito, os quais estão em relação uns com os outros pelo seu centro unificador: o coração. Para o ser humano resta somente duas alternativas, dois modos de viver vida: ou na virtude, ou no vício. Deste modo temos que: quando as três potências da

alma: desejo, ardor, razão estão adoecidas e dirigidas para o **amor de si** o ser humano adocece e vive fora do seu estado natural desejado por Deus na criação: o desejo se transforma em avidez; o ardor em cólera; e a razão em orgulho. Ao contrário, o ser humano saudável, vive no seu estado natural desejado por Deus; assim se estas potencias estão dirigidas para o **amor de Deus**, o ardor se transforma em impulso de amor; o ardor em força e vigor para o combate espiritual; e a razão em fonte de humildade.

Essa tríade que leva o ser humano ao vício está profundamente ligada às três tentações de Jesus no Evangelho e repete a dinâmica do pecado original (Gn 3, 1-7) – avidez, amor de si, orgulho.

Adentrando ainda mais no profundo de si mesmos e no conhecimento da alma humana, os monges mostram que à base de tudo, e como causa maior de todos os pecados há uma raiz mais profunda, a que nomeiam amor de si - *philoautia* em grego, egoísmo, em latim. Não se trata do amor verdadeiro de si, que precisa sempre existir, mas aquele amor egoístico que mantém a pessoa escrava de si mesma¹⁴. É a *filautia* que impede de abrir-se a Deus e aos semelhantes, sendo a paixão mãe de todos os vícios¹⁵; é ela que precisa ser combatida pela adesão cada vez mais profunda ao amor¹⁶. Nesse sentido é possível afirmar que o inteiro processo de cuidado da interioridade proposto pela espiritualidade

¹⁴ HAUSHERR. Irenée. *Philautía. Dall'amore di sé alla carità*. Magnano (BI): Edizioni Qiqajon/Comunità di Bose, 1999, p.64ss.

¹⁵ “Quem rejeita a mãe das paixões, que é o amor próprio, com o auxílio de Deus distancia de si também as outras, como a ira, a tristeza, o rancor e o resto”. Cf. MASSIMO, IL CONFESSORE, Sulla carità, 2,8. In: PK 2.

¹⁶ O amor próprio, o amor ao prazer e à glória expulsam da alma a recordação de Deus. O amor próprio é produtor de males enormes e depois, quando diminui a recordação de Deus o tumulto das paixões encontra espaço em nós. Quem retira do coração, desde as raízes, o amor próprio, dominará mais facilmente também as outras paixões, com o auxílio de Deus. E de fato daqui nascem habitualmente a ira, a tristeza, o rancor, o amor ao prazer e falsa liberdade. Quem de fato venceu o amor próprio, entra em acordo também com as outras paixões. Chamamos amor próprio o amor ou a disposição de ânimo passional no que diz respeito ao corpo e a satisfação da vontade da carne. Quando alguém ama alguma coisa, deseja ardentemente estar com ela, continuamente, incessantemente, e foge de tudo aquilo que lhe impede de ter o fácil acesso à coisa amada e de viver com ela. É evidente portanto que também quem ama Deus é desejoso de encontrá-lo continuamente, conversar com ele. E isso vem por meio da oração pura. Dessa é necessário que cuidemos com toda a atenção. TEODORO, VESCOVO DI EDESSA, Cento Capitoli, 92-94. In: PK 1.

cristã vivida pelos monges do período primitivo, descrita nos textos da *Filocalia*, visa ajudar o ser humano a superar toda a autoafirmação de si, superando o egoísmo.

Os padres filocálicos têm profunda consciência de que, fugindo de sua vocação ao amor, o ser humano é condenado a fechar-se em si mesmo, cego pelas paixões, mantendo-se com um coração endurecido, a partir das três dimensões do seu ser: a avidez dos prazeres (atividade do corpo), o amor a si mesmo (âmbito do psiquismo) e o orgulho (âmbito do espírito). Trata-se, no fundo de uma única causa que leva à absolutização de si mesmo, daí a necessidade de uma contínua vigilância do coração. É neste amplo quadro que devemos situar o tema do perdão na ótica dos monges.

O perdão como vitória do amor sobre a paixão da cólera

Tendo claro essa realidade tratemos agora diretamente do nosso tema. Falar de ódio e rancor situa-se nesta perspectiva do adoecimento da potência do ardor, da parte irascível do ser humano. Isso leva a cultivar e alimentar a cólera e rancor, que precisa ser curada pelo amor no processo de perdão.

Os monges afirmam que, no seu estado natural, saudável, desejado por Deus, a potência irascível (*thymós*) no ser humano (o Adão Original restaurado em Cristo) tem como finalidade opor-se à tudo aquilo que pode distanciá-lo de Deus e da deificação à qual Deus o destinou por natureza. Noutras palavras, a irascibilidade nos é dada para lutar contra o mal e refutar os ataques dos inimigos que querem nos desviar da meta, a comunhão com Deus¹⁷. Cassiano de fato afirma:

Nós somente nos servimos da ira segundo a natureza quando a movemos contra os pensamentos passionais e voluptuosos. É assim que nos ensina o profeta quando diz: “Irritai-vos e não pequeis”, ou seja: movei a ira contra as vossas paixões e contra os maus pensamentos e não pequeis realizando aquilo que eles vos sugerem¹⁸.

Todavia, o ser humano quando está preso no pecado, permanece voltado para si mesmo usa essa potência de modo invertido: para odiar e fazer guerra contra o próximo. Preso pela *filautia*, tem dificuldade de enxergar os outros segundo Deus: como irmãos e por isso os vê como inimigos. Por isso mesmo, os monges sugerem de que busquemos a causa da cólera em nós mesmos e não nos outros. Basílio Magno já dizia: não são as palavras que nos ferem, é o nosso orgulho que nos revolta é a boa opinião que temos de nós mesmos.¹⁹

¹⁷ Cf. LARCHET, Jean-Claude. *Terapia delle malattie spirituali. Un'introduzione alla tradizione ascetica della Chiesa ortodossa*. Cinisello Balsamo (Milão): San Paolo, 2003. p. 85ss.

¹⁸ Cf. CASSIANO, Il Romano, Al vescovo Castor, p. 141. In: PK 1.

¹⁹ Cf. BASILIO MAGNO, Homilia XI – Sobre a Cólera. Disponível em: <http://www.leituraspdf.com.br/livros/homilias-de-s-basilio-magno>.

É de suma importância então, não se deixar levar pela ira, a qual gera ódio pelos irmãos:

Não de deixes vencer pela ira que gera ódio pelos irmãos: e não cause tristeza a ti mesmo e aos outros por um deplorável e misero pretexto, recolhendo as recordações de maus pensamentos contra o próximo, falhando assim na oração pura para com Deus, tornando escravo o intelecto e olhando torto, com pensamentos selvagens o irmão que tem a tua mesma alma²⁰.

Segundo Marcos, o asceta, a cólera é uma “paixão irracional que devasta a alma por inteiro, a coloca em confusão e trevas. Quando esta se levanta e se mostra, torna o homem, sobretudo aquele que se deixa levar facilmente, semelhante às feras”²¹.

Essa paixão, quando unida ao orgulho se torna muito forte. Isso faz com que, ao invés de continuar sendo morada do Deus que é amor, a alma humana se torne moradia do maligno. Sendo assim, é de suma importância, cortar a tempo a “árvore do rancor para que não se torne seca e estéril e o ‘machado do Espírito venha cortá-la e atirá-la ao fogo, segundo as palavras do Evangelho, e destruí-la junto com todos os males”²². Vencer o veneno da cólera é importante visto que é o maligno que edifica maldosamente na alma essa moradia da iniquidade trazendo para ela

por qualquer motivo, por nossos atos e palavras, em nossos pensamentos, diferentes pretextos racionais e irracionais que são outras tantas pedras, preparando assim na alma sua morada de malícia, fundamentando-a a consolidando-a por meio dos pensamentos de orgulho.²³

Por isso, segundo o ensinamento de Teodoro, bispo de Edessa, é muito importante que a pessoa não deixe a raiva e o rancor tomarem conta do coração. Se isso ocorre significa que ao invés de permanecer em comunhão com os irmãos, a pessoa abre espaço e faz aliança com os demônios “ficando em paz” com eles e odiando os irmãos:

Foi-nos ordenado não insultar e difamar de volta aqueles que nos insultam, nos injuriam ou nos difamam de qualquer maneira, mas ao contrário, louvá-los e bendizê-los. Com efeito, é na medida em que estamos em paz com os homens que podemos combater os demônios. Mas se nos voltamos contra os nossos irmãos para combatê-los, ficamos em paz com os demônios. Ora, nós aprendemos que devemos odiá-los com uma aversão total e levar contra eles uma guerra sem volta.²⁴

²⁰ MARCO L'ASCETA. Lettera al Monaco Nicola. In: PK 1, p. 214-215.

²¹ MARCO L'ASCETA. Lettera al Monaco Nicola. In: PK 1, p. 222.

²² Cf. MARCO L'ASCETA. Lettera al Monaco Nicola. In: PK 1, p. 221. Ver também CASSIANO, Il Romano, Al vescovo Castor, 145. In: PK 1.

²³ Cf. MARCO L'ASCETA. Lettera al Monaco Nicola. In: PK 1, p. 221

²⁴ TEODORO, VESCOVO DI EDESSA, 80. In: Pk 1.

Marcos, o asceta, explica que amar ao inimigo e conservar a paz como Jesus fez é uma grande virtude, visto que a verdadeira prova do amor é realmente o perdão das ofensas, assim como o Senhor amou o mundo.²⁵ Este perdão, de coração é sinal do verdadeiro conhecimento²⁶ o qual, segundo a concepção da espiritualidade filocalica é fruto maduro de todo o caminho ascético de purificação das paixões²⁷.

Segundo os monges, a raiva é perniciosa pois impede o verdadeiro e profundo encontro com Deus na oração. A pessoa permanece na escuridão e tem dificuldade para encontrar-se profundamente com Deus na oração. O monge Talássio, por isso orienta: “Guarde-se da intemperança e da raiva, e você não encontrará nada que seja um obstáculo no momento da oração”²⁸. Segundo ele, é impossível “sentir o odor e perfume do amor numa alma rancorosa.”²⁹ A cura para o rancor encontra-se somente no amor, mansidão e compaixão, é o que orienta João Damasceno:

Os pecados do ardor são a dureza de coração, a raiva, a insensibilidade, o rancor, a inveja, o assassinato e a prática contínua de semelhantes vícios. Sua cura e tratamento são o amor aos homens, a caridade, a mansidão, o amor fraterno, a compaixão, a resignação e a bondade³⁰.

Por isso um grande meio na luta para não deixar-se preso pelo ódio aos irmãos é a oração. Marcos o asceta ensina que é melhor rezar pelo próximo do que permanecer reprovando-o por cada pecado³¹.

Nessa luta para libertar-se da paixão do rancor e da ira que não permitem de vivenciar a experiência de perdão é importante que a pessoa tenha claro que, assim como nas demais paixões, o meio utilizado pelos demônios para manter a pessoa presa na armadilha da ira são os maus pensamentos³². Por conseguinte, grande meio para vencer o ódio e rancor é que a pessoa mantenha uma profunda vigilância aos seus pensamentos, para não alimentar o rancor. Cassiano, por exemplo, mostra que é necessário que a pessoa cuide do que se passa dentro da mente: extirpar a raiz do pecado e não apenas os frutos, ou seja cortar os pensamentos de ódio e rancor não alimentando o ódio pelo irmão:

²⁵ MARCO L'ASCETA. A quelli che si credono giustificati, 49. In: PK 1

²⁶ “A prova de um amor não hipócrita é o perdão das ofensas. Foi assim que, de fato o Senhor amou o mundo. Não é possível perdoar de coração qualquer ofensa sem o verdadeiro conhecimento”. MARCO L'ASCETA. A quelli che si credono giustificati, 48-49. In: PK 1

²⁷ A caridade perfeita tradicionalmente como o ponto de chegada de todo o caminho ascético, da práxis. Sobre isso pode-se consultar LARCHET, p. 723ss.

²⁸ THALASSIUS O AFRICANO, A Paolo presbítero, 15. In: PK 2.

²⁹ THALASSIUS O AFRICANO, A Paolo presbítero, 16. In: PK 2

³⁰ JOÃO DAMASCENO, Discurso útil à alma, p. 348. In: PK 2,

³¹ Cf. MARCO L'ASCETA. La legge spirituale, 132. In: PK 1.

³² A luta contra os pensamentos tentadores, logismos, será uma constante na orientação dos monges. Foi Evágrio quem por primeiro teorizou sobre os oito maus pensamentos. Sobre isso pode-se consultar: HiEROTHEOS VLACHOS, 2006, p. 214ss.

O Evangelho ensina a extirpar as raízes de nosso pecado e não apenas os seus frutos. Quando tivermos cavado as raízes da raiva em nosso coração, não agiremos mais com ódio ou inveja. "Aquele que odeia seu irmão é um homicida" (1 João 3,15), pois ele o mata com ódio em sua mente³³.

Isso porque antes de se manifestar exteriormente, o perdão precisa ser algo interior, e isso somente é possível freando todo pensamento que possa cultivar e alimentar o ódio dentro da mente e do coração. Por isso na sequência, Cassiano explica que em Mateus 5, 22 sobre o "não irar-se contra o irmão"

a intenção do Senhor é que devemos remover a raiz de toda raiva, seu fulgor, por assim dizer, em qualquer meio que pudermos, e não manter qualquer pretexto singular de ira em nossos corações. De outro modo nós seremos excitados para a ira inicialmente por aquilo que parece ter uma boa razão e então cairemos no furor incontável³⁴.

Quando a pessoa sofre uma ofensa e deixa-se arrastar pela raiva e rancor, acontece um total obscurecimento de sua mente (nous). Na antropologia dos monges deste período, como foi visto acima, este é o espelho da alma, o lugar de abertura da alma para Deus e por conseguinte, para o próximo. Assim, cega pelo rancor, a pessoa perde a luz do discernimento e sua alma não é mais templo do Espírito Santo, o fogo do Amor trinitário. O trabalho interior para superar todo o ódio é necessário, para que se possa afastar todo e qualquer tipo de ira. Evitar de "nos tornarmos irados por qualquer razão que seja, mesmo se justa ou injusta"³⁵ e assim manter sempre límpido esse santuário interior onde Deus habita, em comunhão plena com Deus e com os irmãos.

Considerações finais

O breve percurso feito até aqui é suficiente para demonstrar que o tema do perdão no monacato antigo está profundamente em conexão com todo o caminho ascético de libertação interior das paixões para manter-se saudável e em comunhão plena com Deus e com os irmãos. O ódio, a ira, o rancor o não perdão são sinais de uma alma doente que ainda precisa da misericórdia e luz divina para poder se reconectar consigo mesma e com os irmãos, superando as paixões que animalizam. O amor de Deus, que em Jesus Cristo perdoa e chama continuamente ao Amor pode ajudar neste longo caminho de retorno do ser humano da doença para a saúde, por meio do perdão aos irmãos também feitos à imagem e semelhança de Deus.

³³ CASSIANO IL ROMANO. Al vescovo castore, p. 144. In. PK 1.

³⁴ CASSIANO IL ROMANO. Al vescovo castore, p. 144. In: PK 1.

³⁵ CASSIANO IL ROMANO. Al vescovo castore, p. 144. In. PK 1

Referências

BASILIO MAGNO, Homilia XI – Sobre a Cólera. Disponível em:

<http://www.leituraspdf.com.br/livros/homilias-de-s-basilio-magno>.

AGHIORITA Nicodimo e Macario di Corinto (org). *La Filocalia*. Vol I-V. Tradução, introdução e notas de M. Benedetta Artioli e M. Francesca Lovato della Comunità di Monteveglio, Torino: Grebaudi editore, 1982.

BINGAMAN. Brock e NASSIF, Bradeley (org). *The Philokalia. A classic Text of Orthodox Spirituality*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

La técnica de los "logismoi". Disponível em: <http://sophia.hyperlogos.info/tiki-index.php?page=Teofano+Logismos>. Acessado em 4 de julho de 2014.

SPIDLÍK, Thomas. *La spiritualità dell'Oriente cristiano. Manuale sistematico*. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 1995.

RUPNIK, Marko Ivan. *Para uma antropologia de comunhão*, v.1. Pessoa, cultura da Páscoa, EDUSC, Bauru, SP, 2005.

CLEMENT, Olivier, La filocalia, in AAVV. Nicodemo el Hagiorita y la Filocalia. Ed. Qiqajon. Comunidad de Bose. 2001, p. 16. Disponível em <http://theosis.blogspot.com.br/2012/02/articulo-o-clement-sobre-la-filocalia.html>. Acesso em: 11.07.2014.

HIEROTHEOS VLACHOS, Metropolitan. *Orthodox Psychotherapy. The Science of the Fathers*. Translated by Esther E. Cunningham Williams. 5ed, Levadia Hellas: Birth of the Theotokos Monastery, 2006.

HAUSHERR. Irenée. *Philautía. Dall'amore di sé alla carità*. Magnano (BI): Edizioni Qiqajon/Comunità di Bose, 1999.

LARCHET, Jean-Claude. *Terapia delle malattie spirituali. Un'introduzione alla tradizione ascetica della Chiesa ortodossa*. Cinisello Balsamo (Milão): San Paolo, 2003.

RIBAS, J. Melloni, *Los caminos del corazón: el conocimiento espiritual en la "Filocalia"*, Sal Terrae: Maliaño, 1995.